



### O retorno da horta orgânica

Você sabia que a Escola Neyder tinha horta orgânica incrível que durou até o início da reforma estrutural do prédio? Devido à reforma, ela acabou sendo removida. No entanto, agora em 2024 ela está de volta com força total! O professor Hélio, a direção, alguns professores e alunos restauraram a horta com todo o entusiasmo. Assim, no dia 27 de maio tivemos a primeira colheita! Os legumes e verduras fresquinhos estão sendo enviados para o refeitório da escola, garantindo refeições mais saudáveis e saborosas para todos.

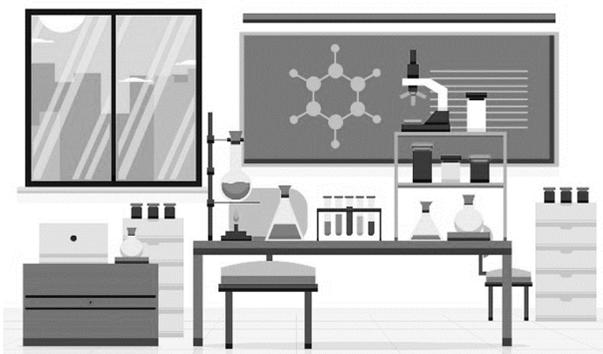


### Programa “Pé-de-Meia” para incentivo ao estudo

O ano de 2024 trouxe uma novidade empolgante: o “Programa Pé-de-Meia”! Agora, os alunos podem receber uma ajuda financeira para estudar. No começo, são R\$ 400 (R\$ 200 pela matrícula e R\$ 200 pela dedicação aos estudos). A partir do segundo mês, o valor fica em R\$ 200, desde que o aluno não ultrapasse o limite de faltas. É um incentivo e tanto para manter todo mundo focado e presente nas aulas. Aproveitem!

### Vem aí o laboratório

A escola está preparando uma super novidade para agosto de 2024: um laboratório novinho em folha! Esse espaço será perfeito para realizar experimentos nas aulas de química e outros projetos. Os alunos mal podem esperar para explorar e aprender de maneira prática e divertida. Fiquem atentos, porque grandes descobertas estão a caminho!



# Neyder Times

## EDITORIAL

**B**em-vindos ao *Neyder Times*, o novo jornal do 2º Ano! Preparamos uma edição especial e vibrante, cheia de conteúdo interessante e reflexivo, que vai deixar você ansioso(a) para folhear cada página!

Começamos com um relato inspirador no espaço “*Drama da vida real*”. João Gabriel nos leva para uma emocionante jornada de superação e resiliência após um acidente que quase destruiu seu sonho de ser jogador de futebol. Sua história é um verdadeiro testemunho de determinação e coragem, e certamente tocará seu coração.

Em seguida, na seção “Espaço crítico”, abordamos a inclusão e aceitação dos alunos



Dorval Fagundes  
Gerente de redação

LGBTQIA+ na nossa escola. O texto destaca o progresso que temos feito, mas também aponta os desafios que ainda enfrentamos para garantir um ambiente verdadeiramente acolhedor e respeitoso para todos.

A próxima parada é uma entrevista poderosa com Boldrin, um aluno da nossa turma do segundo ano. Ele compartilha sua luta pessoal contra o preconceito e a discriminação, oferecendo um relato profundo e comovido de coragem e resiliência. A história de Boldrin não só informa, mas inspira todos a lutar por um mundo mais justo e inclusivo.

Por fim, no caderno de notícias celebramos o retorno da horta orgânica, o lançamento do “Programa Pé-de-Meia” e a construção do novo laboratório. Essas iniciativas mostram como nossa escola está sempre em movimento, buscando oferecer o melhor para os alunos em termos de educação, saúde e inovação.

Cada artigo foi escrito com dedicação e paixão pelos alunos do segundo ano, refletindo o espírito vibrante e a vontade de transformar o mundo ao nosso redor. Prepare-se para uma leitura envolvente e inspiradora, que vai abrir sua mente e aquecer seu coração!

## FICHA TÉCNICA

**Supervisão geral e redator-chefe:** Dorval Fagundes

**Revisão e copidesque:** Dorval Fagundes

**Seção “Espaço crítico”:** Maria Klara Pimenta, Giulia Fogaça, Erick Roberto, Letícia Benevides e João Victor Barbosa

**Seção “Entrevista”:** Boldrin, Emilly Torres, Luiz Fernando, Matheus Esquivel, Joana Victoretti, Mikaela

Albano, Gabriel Andrade, Clarice Barbosa e Daniel Francisco

**Seção “Drama da vida real”:** João Gabriel Alves, João Gabriel Posser, Wilber Lucas, Hicaro Urbietta, Leonardo Martins e João Victor

**Seção “Notícias”:** Richard Kauan, Mateus Gabriel e Rafaela Antonia



## DRAMA DA VIDA REAL — O “QUASE FIM” DE UM SONHO

*Por João Gabriel Alves, João Gabriel Posser, Wilber Lucas, Hicaro Urbietta, Leonardo Martins e João Victor*

O sol brilhava intensamente naquele dia de verão em Cascavel-PR, refletindo na superfície cristalina da piscina da chácara da minha tia. Eu me chamo João Gabriel. Estávamos todos ali, eu e meus amigos, mergulhados na diversão, despreocupados e relaxando, o que é normal durante as férias escolares.

Em meio às risadas e brincadeiras, amigos de infância sugeriram uma ideia insana: pular do telhado da casa para dentro da piscina. A adrenalina começou a correr em nossas veias, misturada com a empolgação juvenil de fazer algo proibido e arriscado.

Decidi ser o primeiro a tentar. Com o corpo ainda molhado, comecei a escalar o telhado, sentindo o coração bater mais rápido a cada passo. Quando cheguei ao topo e olhei para baixo, um misto de medo e inquietação me envolveu. Preparei-me para o salto, mas, no momento decisivo, escorreguei. A sensação de queda livre foi breve, mas o impacto foi devastador. Uma dor

lancinante percorreu minha perna, e assim que tentei me levantar, soube que algo estava seriamente errado.

No hospital, a confirmação veio como um golpe: minha perna estava quebrada, e o tempo de recuperação seria longo. Ver meu sonho de ser jogador de futebol despedaçou-se naquele momento, e isso foi insuportável. A frustração se transformou em uma sombra constante, especialmente quando via meus amigos jogando enquanto eu mesmo estava imobilizado em cima de uma cama.

Mas, com o passar dos dias, percebi que aquela adversidade poderia ser uma oportunidade disfarçada. Contudo, o apoio de meus amigos e familiares foi fundamental para minha recuperação. Dali em diante, percebi que poderia voltar a me dedicar ao meu sonho. Decidi enfrentar a recuperação como se fosse um jogo difícil, pois cada sessão de fisioterapia se tornava uma pequena vitória pessoal. Eu suportava a dor e o esforço me lembrando a todo o momento do quanto eu amava



## AVENTURAS NA HISTÓRIA — A REVOLUÇÃO DA CANETA ESFEROGRÁFICA

*Por Dorval Fagundes | Gerente de redação*

Imagine um mundo em que cada palavra escrita exigia paciência e precisão. Esse era o cenário da caneta-tinteiro, que dominou a escrita antes da chegada da caneta esferográfica. A caneta-tinteiro, criada no século XIX, oferecia elegância e estilo, mas também apresentava desafios como vazamentos e manchas. Tudo mudou com a invenção da caneta esferográfica, que revolucionou a forma como escrevemos.

A ideia da esferográfica surgiu no final do século XIX, mas só ganhou força na década de 1930 com László Bíró, um jornalista húngaro frustrado com as falhas das canetas-tinteiro. Inspirado pela tinta de secagem rápida dos jornais, Bíró desenvolveu uma caneta com uma esfera metálica na ponta, que permitia uma escrita suave e sem manchas. Em 1938, ele patenteou sua invenção e, junto com seu irmão, fundou uma empresa na Argentina para produzir a caneta.

Apesar dos desafios iniciais com a viscosidade da tinta, Bíró e sua equipe continuaram a aperfeiçoar a caneta. Em 1945, o empresário americano Milton Reynolds viu o potencial da esferográfica e, após algumas modificações, lançou a Reynolds Rocket® nos Estados Unidos. A caneta foi um sucesso imediato, democratizando a escrita com seu design acessível e confiável.

No entanto, a maior revolução veio na década de 1940, quando Marcel Bich, um industrial francês, comprou a patente dos irmãos Bíró. Bich refinou o design e lançou a Bic Cristal® em 1950, uma caneta que combinava baixo custo e alta qualidade. A Bic Cristal® se tornou um ícone, facilitando a escrita para estudantes, profissionais e o público em geral.

A esferográfica trouxe uma verdadeira transformação social. Ela eliminou a necessidade de frascos de tinta e mata-borrões,

tornando a escrita mais prática e acessível. Estudantes e profissionais podiam escrever em diversas superfícies e condições, impulsionando a comunicação e a criatividade.

Apesar dos benefícios, a caneta esferográfica também teve seu impacto negativo na caligrafia. A necessidade de aplicar mais pressão ao escrever e a uniformidade da tinta reduziram a expressividade da escrita à mão. Além disso, a crescente digitalização reduziu ainda mais a prática da caligrafia.

Hoje, a caneta esferográfica continua a ser um instrumento de escrita essencial, mesmo com os desafios da era digital. A história da caneta esferográfica nos lembra da importância de equilibrar a praticidade com a preservação das habilidades artísticas. Manter viva a arte da caligrafia é crucial para preservar a riqueza cultural e a expressão pessoal em um mundo cada vez mais digitalizado.

injustiçado. Quero e vou lutar para que essa minoria deixe de padecer o que tem sofrido hoje em dia. É um caminho difícil, mas acredito na força da união e na importância de dar voz a quem não tem voz. O maior desafio para mim foi, sem dúvida, o medo do julgamento e da rejeição. Quando decidi contar para minha família, foi como se eu estivesse abrindo uma “caixa de Pandora”. Além disso, na escola, os olhares e as piadas eram constantes. A cada dia, a coragem era renovada, mas o medo também crescia. Hoje eu já levo tudo “numa boa”, mas, por outro lado, estou sempre atento aos riscos. Há alguns dias, até comentei com um dos meus professores: “É um mistério se vou chegar em segurança em casa todo dia, pois gente como eu tem uma expectativa de vida de 35 anos devido aos riscos de desafiar as normas sociais, e a sociedade não perdoa”.

**Neyder Times: Você sofre muito preconceito? Como você se sente ao ver alguém sendo preconceituoso com você?**

**Boldrin:** Não muito, porém, quando sofro, é pesado. Muitas pessoas já chegaram a me chamar de certos apelidos, e isso me doeu muito. Ver outras pessoas sendo preconceituosas comigo dói porque, na maioria das vezes, são pessoas que nem sabem da minha verdade e que deduzem quem eu sou simplesmente pelo fato de eu ser quem sou. Essas atitudes machucam, mas também me fortalecem para continuar lutando. Na escola, o bullying foi uma das maiores pedras no meu caminho. As piadas e os comentários desrespeitosos eram constantes. Eu sentia que estava sempre em uma batalha silenciosa. Mas, ao mesmo tempo, encontrei amigos que se tornaram pilares na minha vida. Eles me apoiaram e me mostraram que eu não estava sozinho nessa caminhada.

**Neyder Times: Como é a sua relação com sua família e amigos?**

**Boldrin:** Minha relação com minha família poderia ser melhor. Tenho algumas batalhas travadas por isso; alguns me aceitam, outros nem tanto. Com meus amigos, é totalmente o contrário. Eles me respeitam e me aceitam como eu sou. Essa diferença de aceitação me mostra a importância do apoio dos amigos e como isso pode fazer a diferença na vida de alguém. Além disso, a primeira vez que usei meu nome social na escola foi um

marco. Os olhares mudaram, e eu senti que finalmente estava sendo visto como eu realmente sou. Cada pequeno passo, cada vitória, foi um lembrete de que a minha luta tinha um propósito.

**Neyder Times: Você usa o nome de registro? Como você se sente quando te chamam pelo nome de registro?**

**Boldrin:** Não uso, a não ser na escola ou em família, mas geralmente não. Para ser sincero, sinto muita vontade de chorar e de gritar para todo mundo quem eu sou e que eu não sou o que eles pensam ou falam. Mas, se eu não impuser respeito, eles não vão me respeitar da forma certa, então na maioria das vezes fico muito desconfortável com essas situações. É uma luta diária para ser reconhecido pelo que realmente sou.

**Neyder Times: Como você espera que alguém trate você?**

**Boldrin:** Com respeito. Não espero aceitação de ninguém, mas eu respeito todos e espero ser tratado com o mesmo respeito. Essa é a base de qualquer relação humana saudável. Acredito que, se todos nós tivermos essa consciência, podemos construir uma sociedade mais justa e acolhedora. Por isso, acho que minha visão sobre o respeito é uma lição valiosa para todos. Eu não peço aceitação incondicional, pois isso seria demais, e as pessoas têm o direito de aceitarem ou rejeitarem aquilo que acharem atrativo ou repulsivo, mas exijo respeito. Isso é algo que todos merecem, independentemente de sua identidade ou orientação. Minha postura firme e corajosa precisa ser inspiradora e servir como um exemplo para todos, independentemente do gênero com o qual se identificam ou da orientação sexual. Meu maior sonho é viver em um mundo onde todos possam ser quem são, não importa se serão hetero, homo, transsexuais, ou seja, lá o que for, mas o que importa é não terem medo de qualquer julgamento. Quero estudar Direito e ajudar outras pessoas que passam por desafios semelhantes aos meus. Acredito que, ao entender melhor o código civil, a mente humana e as questões de identidade, poderei contribuir para um mundo mais acolhedor. Além disso, sonho em escrever um livro, contar minha história e dar voz a quem ainda não pode falar. Quero que minha trajetória seja uma ponte, um símbolo de que, com coragem e amor, podemos transformar o mundo.



o futebol. Fechava os olhos e me via novamente em campo, correndo e driblando, usando essa imagem como combustível para minha determinação.

O dia em que consegui dar novamente meus primeiros passos foi de uma alegria indescritível. Eu estava em casa, fazendo fisioterapia, e nesse momento eu decidi me levantar da cadeira de rodas para ir tomar banho. Quando eu pedi para a minha mãe pegar a toalha, decidi também me levantar para dar um passo, e consegui fazer isso com sucesso. Logo em seguida, o primeiro passo se transformou em quatro ou cinco. Com o apoio incondicional da minha família e dos meus amigos, comecei a treinar devagar, sentindo meu corpo e minha mente se fortalecerem a cada dia. A experiência me ensinou lições valiosas de resiliência e paciência.

Depois de um tempo, voltei a treinar em um time não profissional lá em Cascavel mesmo. O time marcou uma viagem para Campo Grande, MS, para um jogo contra o time da Portuguesa. Nosso

time perdeu a partida, e o treinador do time adversário veio falar com o treinador do nosso time, pois ficou interessado na performance de alguns atletas de nosso time.

Voltamos para Cascavel. Após um mês de treino, o nosso treinador nos comunicou que a Portuguesa chamou alguns de nós para uma avaliação em Campo Grande, após a qual soube que meu nome estava na lista dos convocados para a nova formação desse time.

Isso me trouxe uma felicidade indizível, pois aquele trauma que sofri não foi o fim do meu sonho, mas o começo de uma nova vida e de novas oportunidades para o meu futuro.

Hoje, com o contrato da Portuguesa ativo, estou muito feliz e mais determinado do que nunca a perseguir meu sonho. A queda não definiu quem eu sou; foi a forma como me levantei que realmente moldou meu caminho.



## ESPAÇO CRÍTICO

Por Maria Klara Pimenta, Giulia Fogaça, Erick Roberto, Letícia Benevides e João Victor Barbosa

**N**a nossa escola, a turma do segundo ano do ensino médio tem mostrado um progresso significativo na aceitação e inclusão dos alunos LGBTQIA+. É empolgante ver como a maioria dos estudantes apoia seus colegas, celebrando a diversidade de gênero e promovendo um ambiente mais acolhedor e aberto. No entanto, nem tudo são flores. Infelizmente, ainda nos deparamos com atitudes e comentários inadequados que revelam o longo caminho que temos pela frente.

A boa notícia é que, no dia a dia, a nossa turma tem se esforçado para incluir e apoiar os diversos gêneros. Isso nos enche de alegria e esperança, pois vemos que há um campo cada vez mais aberto para essas pessoas em nossa sala. É gratificante perceber que estamos caminhando na direção certa, mesmo que ainda existam muitos obstáculos a superar.

No entanto, a luta pela igualdade e respeito pleno para os colegas LGBTQIA+ ainda enfrenta resistência. Algumas pessoas, por exemplo, ainda insistem em usar o "nome morto" de um colega que

já alterou seu nome ou prefere usar um nome social. Esse comportamento não só é desrespeitoso, mas também doloroso para quem busca afirmar a própria identidade.

Outro ponto crucial é a necessidade de uma coordenação da escola repensar as diretrizes punitivas para comportamentos inadequados e ofensivos. Muitas vezes, as queixas de injúrias contra a ideologia de gênero ou ofensas pessoais não recebem o tratamento merecido. É essencial que se criem sanções apropriadas para esses casos, garantindo que todos os alunos se sintam seguros e respeitados.

Estamos em um momento de mudança e crescimento, e cada passo rumo à inclusão é uma vitória. Precisamos continuar lutando para que todos os alunos, independentemente de sua identidade de gênero, possam desfrutar de um ambiente escolar justo e acolhedor. A inclusão e o respeito devem ser a norma, não a exceção. Vamos juntos construir uma escola onde todos se sintam valorizados e aceitos.



## ENTREVISTA — UM RELATO DE CORAGEM E RESILIÊNCIA

Por Emilly Torres, Luiz Fernando, Matheus Esquivel, Joana Victoretti, Mikaela Albano, Gabriel Andrade, Clarice Barbosa e Daniel Francisco

Hoje, o *Neyder Times* apresentará a toda a escola a trajetória de vida do nosso colega Boldrin. Ele também é aluno da Escola Neyder, e demonstra uma maturidade e uma força impressionantes para alguém tão jovem. Suas palavras refletem a luta diária de muitos adolescentes que enfrentam preconceitos e discriminações.

Esta entrevista não só ilumina a realidade desse aluno, mas também serve como um chamado à empatia e à ação. Ao final da leitura, espera-se que os demais alunos e alunas se sintam não só informados, mas também tocados e inspirados pela história do nosso amigo Boldrin. Sua jornada é um testemunho de coragem, resiliência e de uma contínua luta por um mundo mais justo e inclusivo.

***Neyder Times: Fale-me um pouco sobre você. Defina para nós quem é o Boldrin, e como você descobriu sua identidade de gênero?***

**Boldrin:** Acabei de completar 16 anos. Sou um cara brincalhão, mas sei ser sério em momentos necessários. Por ser, na maioria das vezes, brincalhão, as pessoas acabam confundindo isso e não me levando a sério. Há vários anos vinha sentindo uma desconexão com o meu corpo e com a forma como os outros me viam. Foi um processo longo e desafiador, cheio de perguntas sem resposta. Mas, quando finalmente descobri quem eu sou, tudo começou a fazer sentido. Sem dúvida, um dos momentos mais marcantes foi quando me aceitei plenamente. Quando percebi o apoio dos amigos foi que eu senti alívio e uma paz interna.

***Neyder Times: Como você se sente ao saber que faz parte de uma das minorias do Brasil?***

**Boldrin:** Olha, me sinto privilegiado ao saber que posso lutar por mim e por outras pessoas também, mas ao mesmo tempo me sinto muito